

PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E IDENTIDADE DOCENTE: RELATO DE UM RESIDENTE PCD

PEDAGOGICAL RESIDENCY PROGRAM AND THE TEACHING IDENTITY: REPORT OF A PWD RESIDENT

PROGRAMA DE RESIDENCIA PEDAGÓGICA E IDENTIDAD DOCENTE: INFORME DE UN RESIDENTE DE PCD

Elton Rodrigues Vieira¹

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC

Keila Andrade Haiashida²

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC

Resumo

Esse relato objetiva refletir sobre as experiências de um professor em formação vivenciadas no Programa Residência Pedagógica (PRP). Buscamos responder questões como: o aluno com deficiência pode vir a ser um professor? Quais as oportunidades e contribuições do Programa Residência Pedagógica para a formação da identidade docente de um professor com deficiência? Trata-se de uma pesquisa participante, bibliográfica, documental, com uma abordagem qualitativa. Fundamentamo-nos em: Amariliani (2004), Júnior e Sales (2020), Silva e Silva (2021), Vieira *et al.* (2022), dentre outros. Concluímos que mesmo diante de muitos desafios, o aluno Pcd pode vir a ser um professor, porém, encontrará inúmeros impedimentos e uma escola resistente em adaptar-se às suas especificidades. A princípio poderá não se sentir incluído, mas sua presença pode ajudar a quebrar paradigmas e contribuir para o processo de inclusão na escola. O PRP possibilitou a superação de algumas barreiras e reflexões sobre a inclusão na docência.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Identidade Docente; Residente com Deficiência.

Abstract

This report aims to reflect about the experiences of a teacher in training experienced in the Pedagogical Residency Program (PRP). It was sought to answer questions as: can the PwD student become a teacher? Which are the opportunities and contributions of the Pedagogical Residency Program to the formation of the teaching identity of a teacher with disability? This is a participative, bibliographic, documental research, with qualitative approach. It was based on: Amariliani (2004), Júnior and Sales (2020), Silva and Silva (2021), Vieira *et al.* (2022), among others. It was concluded that

¹ Graduando em Pedagogia na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). Residente do Programa Residência Pedagógica na mesma instituição, Quixadá, Ceará, Brasil. E-mail: elton.vieira@aluno.uece.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0887333888439909>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7074-8493>.

² Pós-doutora em Educação (UEPB), Doutora em Geografia (UECE), Mestra em Educação (UFC), Graduada em Pedagogia (UFC), Graduada em Psicologia (UNINASSAU). Professora Adjunta da FECLESC/UECE e Professora Permanente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras., Quixadá, Ceará, Brasil. E-mail: keila.haiashida@uece.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9277210932077497>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3700-9589>.

even facing many challenges, the PwD student may become a teacher, nonetheless, it will encounter countless impediments and a resistant school to adjust it to its specificities. At the beginning it may not feel included, but its presence can help break paradigms and contribute to the school inclusion process. The PRP made possible to surpass few barriers and reflections about the inclusion on teaching.

Keywords: Pedagogical Residency; Teaching Identity; Resident with Disability.

Resumen

Este informe pretende reflexionar sobre las experiencias de un profesor en formación durante el Programa de Residencia Pedagógica (PRP). Tratamos de responder a preguntas como: ¿pueden los estudiantes con discapacidad convertirse en profesores? ¿Cuáles son las oportunidades y aportaciones del Programa de Residencia Pedagógica a la formación de la identidad docente de un profesor con discapacidad? Se trata de un estudio participativo, bibliográfico y documental con enfoque cualitativo. Se basa en: Amarilian (2004), Júnior y Sales (2020), Silva y Silva (2021), Vieira et al (2022), entre otros. Llegamos a la conclusión de que, incluso frente a muchos desafíos, el estudiante de PcD puede convertirse en profesor, pero se encontrará con numerosos obstáculos y con una escuela que se resiste a adaptarse a sus especificidades. Al principio puede que no se sientan incluidos, pero su presencia puede ayudar a romper paradigmas y contribuir al proceso de inclusión en la escuela. El PRP permitió superar algunas barreras y reflexionar sobre la inclusión en la enseñanza.

Palabras claves: Residencia Pedagógica; Identidad Docente; Residente con Discapacidad.

PARA INÍCIO DE CONVERSA: INTRODUÇÃO

A temática da inclusão das pessoas com deficiência atualmente tem sido bastante debatida e inúmeras pesquisas realizadas. No entanto, quando levamos em consideração o âmbito educacional é notório que quase sempre o olhar está voltado para o aluno com deficiência. Dessa maneira, é desconsiderado que tal público pode vir a mudar de lado, o aluno a tornar-se professor. Em número bem inferior são os trabalhos realizados com essa perspectiva, com esse olhar e atenção para a formação levando em consideração que a cada dia pessoas com deficiência têm conquistado seu lugar no espaço escolar, fazendo um trajeto diferente e por muitos não esperado, o de retornar à escola como professor.

Assim, trazemos as seguintes indagações: o aluno com deficiência pode vir a ser um professor? A pessoa com deficiência que for atuar como docente terá uma escola capaz de se adaptar as suas especificidades? Como se sente um professor com deficiência na sala de aula e na escola? Quais os desafios e as possibilidades de um professor com deficiência no ambiente escolar? Quais as oportunidades e contribuições do Programa Residência Pedagógica para a formação da identidade docente de um professor com deficiência?

Para responder a essas indagações, a presente pesquisa traz como objetivo refletir sobre as experiências de um professor em formação vivenciadas no Programa Residência Pedagógica (PRP).

O PRP (BRASIL, 2022) é uma das ações que integram a Política Nacional de



Formação de Professores e tem alguns objetivos, a saber: fortalecer e aprofundar a formação, unindo teoria e prática nas propostas dos cursos de licenciatura; contribui para que a identidade profissional do residente seja forjada; valoriza a expertise dos docentes preceptores da escola-campo que contribui para a qualificação dos discentes residentes para a atuação da docência; e instiga a sinergia para a pesquisa e produção científica fundamentada nas vivências no ambiente escolar. O programa permite uma aproximação entre a Instituição de Ensino Superior (IES) e a escola pública da educação básica, possibilitando uma articulação entre a formação inicial e continuada.

Dessa maneira, é oportuno trazer reflexões por meio desse relato no tocante ao professor com deficiência, sua formação inicial, suas experiências no ambiente escolar oportunizadas pelo Programa Residência Pedagógica e contribuições futuras referentes a essa temática.

A pesquisa está organizada nas seguintes seções: essa introdutória, na sequência apresentamos o percurso metodológico, seguido dos resultados e discussões, em que trouxemos um diálogo relatando as experiências e reflexões e, por fim, apresentamos as considerações finais.

MÉTODO OU METODOLOGIA

O relato apresentado traz uma abordagem qualitativa, pois de acordo com os postulados de Gil (2010), esse tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, preocupa-se nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificada.

Trata-se de uma pesquisa participante, pois segundo Lara e Molina (2011, p.145):

A pesquisa participante tem como "pano de fundo" a participação coletiva que envolve pesquisadores e pesquisados na busca de soluções para problemas da sociedade, assim, visa à produção do conhecimento, que abre caminhos para a movimentação e para organização das classes populares.

Este trabalho é do tipo bibliográfico, pois, conforme Rocha e Bernardo (2011, p. 88) "[...] é aquela feita a partir de bibliografia variada, ou seja, engloba livros, revistas, jornais, publicações técnicas, dentre outras fontes escritas". E é ainda documental, uma vez que Gil (2010) traz que tal pesquisa tem como fontes materiais as que ainda não passaram por análise minuciosa e podem ser reformuladas a depender dos objetivos.

O relato se deu por meio de observações, anotações em diário de campo, experiências vividas na imersão na escola-campo. Os autores e documentos que subsidiaram essa pesquisa foram: Estatuto da Pessoa com Deficiência (2016), Amiralian



(2004), Drago e Manga (2017), Gil (2010), Rocha e Bernardo (2011), Junior e Sales (2020), Lara e Molina (2011), Nóvoa (1992), Roma (2020), Sasaki (2007), Silva e Silva (2021), Vieira, Gomes e Haiashida (2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos tópicos que seguem, apresentamos a experiência como residente do Programa Residência Pedagógica, tendo como perspectiva a vivência enquanto Pessoa com Deficiência (PcD), buscando responder as problemáticas apresentadas na seção introdutória e refletir sobre os desafios vivenciados no ambiente educacional.

CONVERSANDO UM POUCO MAIS PARA ENTENDER MELHOR

Como definir uma pessoa com deficiência? Bem, inúmeros textos trazem a definição com o intuito de desconstruir preconceitos e barreiras que impedem e limitam as pessoas que tem na deficiência apenas uma característica de quem elas são, porém, eles não as definem. De acordo com o Estatuto da Pessoa com Deficiência, no art. 2:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2019, p. 9).

Acreditamos que uma pessoa com deficiência é alguém que sonha, que deseja contribuir para a sociedade, que tem metas e objetivos, que busca seu lugar no mundo, que quer falar a partir do seu lugar de fala, que quer fazer parte de fato, contribuindo para o bem comum.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2019) discute a respeito dos impedimentos e barreiras enfrentadas por esse grupo. Entendemos que não é a pessoa com deficiência (PcD) o problema, mas sim os obstáculos existentes que se apresentam de diferentes formas, seja de natureza arquitetônica, seja atitudes capacitistas³ e excludentes.

Eu, enquanto pessoa com deficiência visual (baixa-visão), desde criança sofro com os impedimentos e barreiras existentes nos espaços em que preciso estar, como com atitudes discriminatórias, ou a falta de atitudes inclusivas. Segundo Amiralian (2004, p. 21),

³ De acordo com os postulados de Vendramin (2019), capacitismo é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes.



"[...] a baixa-visão é considerada uma dificuldade visual de graus variáveis, que causa incapacidade funcional e diminuição do desempenho visual". Durante todo o meu percurso enquanto aluno, seja na escola ou na faculdade, tais obstáculos continuaram e persistiram.

Há anos eu desejava prestar o vestibular, mas infelizmente acabava adiando por me sentir impotente, incapaz, tinha medo de como seria, pois, sempre tinha que me adaptar e, nesse processo, eu sofria. Sempre tive a convicção de ser professor. Então, no 2º semestre de 2019, fiz o vestibular e fui aprovado para o curso de licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE), na cidade de Quixadá/CE.

Mesmo enfrentando muitas dificuldades, desde o princípio da graduação me propus a ser participativo, a buscar o melhor nível academicamente. Participei de grupos de estudos, de eventos, pesquisei e publiquei artigos, porém, ainda não tinha sido bolsista. Não me sentia capaz.

No ano de 2022 foi aberta a seleção para ser bolsista do Programa Residência Pedagogia do subprojeto de Pedagogia da FECLESC. Fui incentivado por pessoas amadas que viram além da deficiência, então decidi ousar e me inscrevi.

Enquanto aguardava o resultado, procurei pesquisar sobre o programa e fiquei animado, mas ao mesmo tempo apreensivo. Por inúmeras vezes eu pensava como seria estar em sala, no ambiente escolar, no convívio com alunos e professores. Pensar sobre isso me assustava, me preocupava muito.

Silva e Silva (2021) afirmam que:

Exercer a docência é desafiador, complexo, múltiplo e árido. Formar-se professor ou professora pressupõe quebrar paradigmas e expectativas, porém formar-se professor com deficiência visual é mais que isso, é ressignificar o olhar do outro, diminuindo a distância entre as diferenças e aproximando-se do direito a ter sua dignidade reconhecida (SILVA; SILVA, 2021, p. 2-3).

Diante do exposto, reforçamos que nosso objetivo com esse relato é trazer uma reflexão sobre a pessoa com deficiência enquanto professor em formação presente na escola, observando e atuando. Trazendo à tona que o aluno PcD pode vir a ser um professor com deficiência e isso não é um problema, mas uma oportunidade de a inclusão se concretizar.

PRIMEIROS PASSOS

No dia 4 de novembro de 2022, tivemos nossa primeira reunião, que aconteceu via



Google Meet, com a participação da professora coordenadora do subprojeto de Pedagogia, das preceptoras e dos residentes. A princípio, houve a apresentação de cada participante e, em seguida, dos objetivos do programa, sua composição, as atribuições de cada integrante, o cronograma do primeiro módulo e sua divisão por meio de atividades que seriam realizadas.

O lançamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Residência Pedagógica (PRP) da FECLESC aconteceu no dia 8 de novembro de 2022, durante a XXVII Semana Universitária da UECE, no auditório Cego Aderaldo, onde todos os subprojetos foram apresentados, incluindo o de Pedagogia do qual faço parte.

Posteriormente, ocorreram algumas formações por meio da plataforma YouTube nos canais da UECE, Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e Projeto Residência Pedagógica que me possibilitaram conhecer um pouco mais sobre a história e as perspectivas do PRP.

As formações ofertadas contribuíram para uma melhor compreensão da prática docente. A esse respeito, Nóvoa (1992) afirma:

A formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas sim através de um trabalho de refletividade crítica sobre as críticas e da construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1992, p. 13).

Durante as formações foram abordados temas relevantes que me ajudaram a refletir sobre a atuação docente, a qual precisa ser reflexiva e crítica. Alguns dos temas foram: a sala de aula no contexto pós-pandêmico; saúde emocional e autocuidado; a gestão da sala de aula e as suas dimensões; tecnologia, sociedade e educação: implicações na atuação e formação docente.

Drago e Manga (2017, p. 293) ressaltam que "a formação de professores além de ser temática de estudo nacional e internacional, está intimamente ligada à capacidade desse profissional em trabalhar com a diversidade que a escola abriga".

A qualidade das formações possibilita ao professor atuar com qualidade frente às demandas exigidas pela sociedade em que a escola está inserida. Os primeiros encontros do programa propiciaram aos residentes tomarem conhecimento de suas atribuições, como também a partir das formações adquirirem uma preparação teórica para posteriormente vivenciarem a realidade da escola-campo.

PRIMEIROS CONTATOS

O primeiro contato com a escola-campo ocorreu na etapa que chamamos de



ambientação. A ambientação permite conhecermos, em um primeiro momento, o espaço escolar em todas as suas dimensões. Espaço esse que por 18 meses os residentes estarão imersos e poderão viver a prática docente, possibilitando por meio das experiências construir uma identidade profissional. Esse encontro aconteceu no dia 12 de dezembro de 2022 e estiveram presentes a professora orientadora, vinculada à FECLESC-UECE, as professoras preceptoras, vinculadas à escola-campo e os alunos residentes do curso de Pedagogia.

A Escola de Ensino Fundamental Raimundo Marques de Almeida, conhecida popularmente como Escola Modelo, está localizada na área urbana da cidade de Quixadá/CE, na rua Paraguai, n. 2055, no bairro São João. A escola atende ao público do Fundamental I (4º e 5º ano) e Fundamental II (6 ao 9º ano). Durante o encontro foram apresentados o diretor do Distrito São João, do qual a escola faz parte, o coordenador pedagógico e o coordenador administrativo, que nos deram as boas-vindas. Tivemos a oportunidade de conhecer um pouco melhor as preceptoras e o espaço em que em breve estaríamos presentes com mais frequência.

Considero que a ambientação foi muito importante para mim, pois permitiu que eu pudesse conhecer um pouco do espaço e isso ajudou na minha adaptação, na construção da minha autonomia. A escola-campo possui uma boa estrutura, as salas do Ensino Fundamental I funcionam na parte inferior, assim como auditório, sala de mídias, coordenação, direção, cozinha, refeitório e banheiros. Há, ainda, uma quadra de esportes, porém, ela está temporariamente desativada, pois passará por reparos. Na parte superior estão as salas do Ensino Fundamental II, sala dos professores, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e multimídias.

Todavia, como na maioria dos espaços, a escola não possui acessibilidade em suas dependências. Acessibilidade significa:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados, de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (BRASIL, 2019, p. 9).

Para se ter acesso à parte superior, o único meio são duas rampas bem íngremes, fora dos padrões da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A falta de acessibilidade impossibilita que pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzidas, idosos, dentre outras pessoas, acessem com segurança e autonomia o segundo andar da



escola. Não há outras rampas, piso tátil, corrimões, placas em braile ou sinalizações. A existência de tais placas me ajuda no meu transitar, no meu deslocamento no espaço. Claro, desde que estejam no meu campo de visão e estejam escritas em caixa alta e em um contraste de cores que facilitem minha visualização.

Segundo Vieira, Gomes e Haiashida (2022):

A acessibilidade não favorece somente as pessoas com deficiência, mas a todos os indivíduos que fazem parte da instituição, pois a falta de uma estrutura adequada impede o acesso com segurança e limita o tráfego daqueles que necessitam estar no espaço (VIEIRA et al, 2022, p. 902).

Na segunda metade do mês de janeiro de 2023, participei da abertura oficial da Jornada Pedagógica realizada pela Secretaria de Educação de Quixadá, cujo tema era: “Ensinando e aprendendo com prazer: a neurociência entra em ação”, que teve como palestrante o professor Nino Paixão⁴. O evento ocorreu no Complexo Educacional de Quixadá, na antiga Faculdade Cisne.

A continuação da Jornada Pedagógica aconteceu na escola-campo Raimundo Marques. Estive presente nos turnos da manhã e da tarde do dia 23, quando, junto aos colegas residentes, pudemos participar de um momento muito rico, pois tivemos contato com muitos professores, presenciamos a dinâmica do início de ano letivo e ouvimos algumas experiências daquelas que têm muito a nos ensinar.

DESPERTAR DE INQUIETAÇÕES E REFLEXÕES

A partir de uma formação intitulada “Aspectos legais, históricos e fundamentos da Educação Inclusiva”⁵, transmitida no dia 6 de março de 2023 por meio do canal PIBID UECE – OFICIAL no YouTube, algumas inquietações em mim foram despertadas, alguns questionamentos sobre minha formação inicial, sobre uma pessoa com deficiência vir a ser um professor.

No curso de Pedagogia na FECLESC-UECE⁶, há poucas disciplinas referentes à área de Educação Especial, sendo essa uma das áreas de aprofundamento. Como

⁴ José Meciano Filho (Nino Paixão) é professor Assistente Doutor do Departamento de Biologia Estrutural e Funcional da Unicamp desde 1980, atuando como pesquisador e professor nos cursos de graduação em Medicina e nos cursos de Pós-graduação em Neuropsicologia e Reabilitação Neurológica Infantil; Bacharel em Ciências Biológicas; Mestre em Ciências na área de concentração em Morfologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Doutor em Ciências na área de concentração em Neurociências pela Universidade Estadual de São Paulo (USP).

⁵ Formação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oJOkOg4HM5c>.

⁶ Documento disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2021/03/PARECER-No-0188.2021-UECE-FECLESC-PEDAGOGIA-DOE-220-de-27-9-21.pdf>.



disciplinas obrigatórias são ofertadas: Fundamentos da Educação Especial e Libras. Caso o aluno opte por seguir nessa área, terá quatro disciplinas eletivas: Política e Gestão da Educação Inclusiva, Dificuldade de Aprendizagem, Procedimentos Didáticos Especiais e o Estágio Obrigatório.

A oferta dessas disciplinas configura-se como uma base teórica inicial necessária para a prática docente, no entanto, ressalto ser insuficiente diante das demandas existentes que são uma realidade, mas por vezes negligenciadas durante nossa formação, uma vez que as inúmeras possibilidades dessa formação são desconsideradas, sendo uma destas que um aluno PcD venha a tornar-se um professor. Então o olhar está voltado apenas para o aluno como aluno, no tempo presente, e não no futuro, no que ele vai escolher exercer profissionalmente.

Corroborando, Silva e Silva (2021) reforçam que:

[...] ser professor ou professora com deficiência visual é, também, vivenciar cotidianamente desafios inerentes ao processo de inclusão numa via de mão dupla, ou seja, buscando em diferentes dimensões, ser incluído e ser inclusivo. Logo, não se pode pensar, discutir e construir inclusão social e educacional sem considerá-los como agentes mediadores desse processo, pois a formação de uma mentalidade inclusiva parte, sobretudo, de ações dialógicas, da escuta atenta de cada um(a) e de todos(a) (SILVA; SILVA, 2021, p. 14).

Em algumas buscas encontrei um número pequeno de pesquisas que tenham como tema o docente com deficiência. Com isso, noto que a conquista do direito que já foi assegurado e que é uma realidade ainda está em processo de longa construção. Construção de uma equidade social e desconstrução da discriminação.

Para refletir a respeito, cito um lema bastante conhecido atualmente que diz: "Nada sobre nós, sem nós". Sassaki (2007, p. 8) traz alguns entendimentos de que "nenhum resultado a respeito das pessoas com deficiência haverá de ser gerado sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência". Ainda de acordo com o mesmo autor, na essência desse lema podemos encontrar o conceito de participação plena das pessoas com deficiência.

A partir dessas reflexões, indago: quem melhor para falar sobre as experiências de uma pessoa com deficiência se não ela mesma? Quem melhor para discutir sobre inclusão no ambiente escolar, se não aqueles que por direito devem estar nesse espaço, mas que outrora eram impedidos? Quem disse que um aluno com deficiência não pode ser capaz de se tornar um professor?

Costumeiramente, quando falamos em inclusão, quando falamos em educação,



quando pesquisamos a respeito da pessoa com deficiência, o olhar está voltado apenas para o aluno PcD, um olhar unilateral, voltado para o aluno, no presente e não no futuro, que eles podem e devem mudar, caso queiram e as condições sejam asseguradas. Desse modo, torna-se necessária essa representatividade. Mais uma vez friso que por meio desse relato chamo a atenção para que haja uma ênfase no outro lado da inclusão, o lado do docente com deficiência, no caso, um docente em formação.

Conforme afirma Roma (2020), a identidade docente é edificada a partir do se tornar discente, consolida-se durante a formação inicial e prolonga-se no decorrer de toda a prática do trabalho.

Minha imersão em sala aconteceu junto à turma do 5º C, nos componentes curriculares de História e Geografia, no início do mês de fevereiro de 2023. Inicialmente fui apresentado pela professora preceptora. Era visível nos rostos dos alunos a curiosidade. No entanto, não tive a oportunidade de me apresentar diretamente, pois seria uma oportunidade de manifestar quem sou, falar sobre minhas muitas características, tendo como uma delas ser uma pessoa com deficiência.

Considero relevante para a construção de um ambiente inclusivo falar sobre as dificuldades, expor sem receios, falar abertamente, com naturalidade, pois contribui para relações saudáveis e harmoniosas. Nem toda deficiência é visível, negá-la, evitar falar sobre ela, promove constrangimentos e discriminação.

A experiência em sala tem oportunizado identificar-me com a profissão, permitindo compreender meu papel, meu valor, meu lugar como alguém que pode ajudar a construir conhecimento, inclusão e desconstruir preconceitos.

As observações e anotações a respeito da dinâmica em sala, o papel do professor, a relação professor/aluno, os desafios e demandas existentes têm despertado muitas reflexões. A turma é composta por 37 alunos, em sua maioria indisciplinados, com dificuldades de aprendizagem e alguns com deficiência. Uma turma estigmatizada devido a todos esses fatores. A partir de algumas intervenções, por meio de atividades dinamizadas, pude ter um contato maior com os alunos, pontes de afetos foram criadas. Adentrei um pouco no mundo de cada um, entendi que as dificuldades não estão postas ao professor apenas, mas que todos os fatores mencionados anteriormente afetam diretamente as crianças.

A escola é um espaço de possibilidades e de interações, porém, reflete negativamente ações existentes na sociedade. Ações de exclusão e preconceito. Recordo-me de um fato que chamou muito a minha atenção: em um determinado dia, durante o



intervalo, parte da turma excluiu um colega com deficiência das brincadeiras. No retorno, foi chamada a atenção da turma, contudo, a situação não foi aproveitada para trazer a temática da inclusão para sala. Por serem reflexos de uma sociedade que exclui, as crianças reproduziram ações que se constituem como barreiras atitudinais, e é na escola, campo fértil para essas discussões, que deve se tornar urgente um espaço para a desconstrução desses impedimentos.

Para Júnior e Sales (2020), a atuação de uma pessoa com deficiência enquanto professor, surge como um largo caminho e um ensejo para conviver com o diferente, produzindo assim transformações na maneira como os alunos sem deficiência distinguem o que é ser diferente, e para os alunos com deficiência, desponta um reconhecimento mais eficiente no desenvolvimento da inclusão no âmbito escolar.

A sociedade excludente inviabiliza as potencialidades da pessoa com deficiência, focando apenas as dificuldades. Para desfazer tais estigmas, a inclusão de um professor com deficiência na escola se faz necessária, pois sua representatividade, seja ela social ou educacional, aliada às suas experiências, torna-se um instrumento não só para a sua, mas para a inclusão de todos. Corroborando com a reflexão, Sousa Júnior e Sales (2020, p. 63) afirmam que:

[...] a importância da inclusão de professores com deficiência nas salas de aula, conduz ao resgate do passado sobre as várias maneiras de ser e agir a partir do meio em que eles estão inseridos e, principalmente, sobre as necessidades que carregam ao longo do trabalho como docente (SOUSA JÚNIOR; SALES, 2020, p. 63).

A presença de um profissional com deficiência é uma conquista, não somente de um, mas de muitos, e em se tratando da educação, considero uma revolução, uma transformação da realidade. Pois nossa nação tem uma dívida histórica para com as PcDs. A inclusão de um docente com deficiência na escola se torna um marco, mostrando que é possível.

PARA FINALIZAR A CONVERSA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato teve por objetivo relatar as experiências de um professor com deficiência em sua formação inicial vivenciadas no Programa Residência Pedagógica. Fomos motivados pelas seguintes indagações: o aluno com deficiência pode vir a ser um professor? A pessoa com deficiência que for atuar como docente terá uma escola capaz de se adaptar às suas especificidades? Como se sente um professor com deficiência na sala de aula e na escola? Quais os desafios e as possibilidades de um professor com deficiência



no ambiente escolar? Quais as oportunidades e contribuições do Programa Residência Pedagógica para a formação da identidade docente de um professor com deficiência?

Acreditamos que mesmo diante de muitos desafios e barreiras impostas pela sociedade e que a escola acaba refletindo, o aluno com deficiência pode vir a se tornar um professor. Contudo, encontrará inúmeros impedimentos, encontrará uma escola que resistirá em adaptar-se às suas especificidades. Em um primeiro momento o professor com deficiência não se sentirá incluído, com isso terá que se adaptar, se autoincluir. No entanto, sua presença será a quebra de um paradigma, de que um aluno com deficiência não pode se tornar um professor, contribuirá para o início do processo de inclusão no âmbito escolar.

O relato confirma que inúmeros são os desafios enfrentados desde a graduação até a imersão no chão da escola, desafios que se apresentam por meio de diversas barreiras, da arquitetônica à atitudinal, da pouca representatividade, que reforça a exclusão.

O Programa Residência Pedagógica se tornou um marco em minha vida acadêmica, possibilitou desconstruir algumas barreiras, passei a viver na prática o que tenho estudado na graduação. O programa não aproximou somente a universidade e a escola, não uniu somente a teoria e a prática, mas propiciou que uma conquista fosse realidade, possibilitou que no ambiente escolar a temática da inclusão saísse do papel, confrontando os impedimentos e barreiras, mostrando que enquanto sociedade ainda temos muito que melhorar e nem a escola como parte dessa sociedade está totalmente preparada para receber um professor com deficiência. Contudo, o que importa é que pessoas com deficiência estão conquistando seus lugares, não por piedade do outro, mas por meio de luta, de uma resiliência, não se conformando em assistir as coisas acontecendo ao seu redor, porém sendo protagonistas da sua própria história e abrindo caminhos para outros que virão e já estão vindo.

Concluimos frisando que a temática precisa continuar sendo debatida, pesquisada, porém, com a presença e influência da pessoa com deficiência. Condições precisam ser criadas, leis devem ser cumpridas para que todo espaço, como a escola, no caso, seja um lugar de atuação, seja uma realidade a presença ativa de um professor com deficiência. Que sua formação seja repensada, que oportunidades sejam ofertadas, que esse profissional seja respeitado.



REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. Sou cego ou enxergo? As questões da baixa visão. **Educar**, Curitiba, n.23, p. 15-28, 2004. Editora UFPR.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria GAB Nº 82, DE 26 DE ABRIL DE 2022. **Dispõe sobre o regulamento do Programa Residência Pedagógica - PRP**. Brasília: CAPES, 2022. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/diretoria-de-educacao-basica/28042022_Portaria_1691648_SEI_CAPES___1689649___Portaria_GAB_82.pdf. acesso em: 09 nov. 2023.

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência – 3.ed. - Brasília: **Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas**. Brasília, 2019. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Seção 1, p. 1. Disponível em <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2021/03/PARECER-No-0188.2021-UECE-FECLESC-PEDAGOGIA-DOE-220-de-27-9-21.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

DRAGO, Rogério. MANGA, Vanessa Pita Barreira Burgos. Deficiência visual e formação de professores: para uma revisão conceitual. **Crítica Educacional**, Sorocaba, v.3, n.3, p. 292-310, 2017. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/239/368>. Acesso em: 8 jul. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARA, Ângela Mara de Barros. MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. **Metodologias e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas/César de Alencar Arnaut de Toledo, Maria Teresa Claro Gonzaga (organizadores)**, Maringá: Eduem, 2011. 277p.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.

PIBID UECE OFICIAL. Formação 2 – aspectos legais, históricos e fundamentos da educação inclusiva. **YouTube**, 6 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oJOkOg4HM5c>, acesso em: 09 de nov. 2023.

ROCHA, Alessandro Santos da. BERNARDO, Débora Giselli. Pesquisa bibliográfica: entre conceitos e fazeres. **Metodologias e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas/César de Alencar Arnaut de Toledo, Maria Teresa Claro Gonzaga (organizadores)**, Maringá: Eduem, 2011. 277p.

ROMA, Adriana de Castro. **A trajetória de formação e atuação profissional de professores com deficiência visual**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2020. Disponível em: <https://mpe.unitau.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2020/Adriana-de-Castro-Roma.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2023.



SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós sem nós: da integração à inclusão. **Rev. Nac. Reabil**, São Paulo, v. 10, n. 57, p. 8-16, 2007. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, Linda Carter Sousa da. SILVA, Luzia Guacira dos Santos. Professores(as) com deficiência visual na prática docente: o que revelam as pesquisas? **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v.27, n.63, p. 1-17, 2021. Disponível em: <http://revista.ibr.gov.br/index.php/BC/article/view/831>. Acesso em: 8 jul. 2023.

SOUSA JUNIOR, Milton Carvalho de. SALES, Elielson Ribeiro de. Educando pela diferença: a importância do professor com deficiência em sala. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v.12, n.2 p. 60-73, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v12n2/v12n2a06.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC. Reconhece, sem interrupção, o Curso de Graduação em Pedagogia, grau licenciatura, modalidade presencial, com 3.366h, 198cr, da Universidade Estadual do Ceará, ofertado pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. **Parecer normativo, n. 0188**, de 04 de agosto de 2021. RELATORA: Guaraciara Barros Leal. Fortaleza, p. 1-33.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. **Simpósio Internacional repensando mitos contemporâneos**, Porto Alegre, v. 2, n. 2 p. 16-25, 2019. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://eadeje.tse.jus.br/pluginfile.php/176765/mod_resource/content/1/Capacitismo.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

VIEIRA, Elton Rodrigues. GOMES, Maria Rosivânia de Oliveira. HAIASHIDA, Keila Andrade. Deficiência e ensino superior: integração ou inclusão na FECLESC. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, [S. l.], v. 8, n. 28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/4366>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Artigo recebido em: 24 de outubro de 2023

Aceito para publicação em: 15 de janeiro de 2024

Manuscript received on: October 24, 2023

Accepted for publication on: January 15, 2024

